

Bôers – a guerra do fim do mundo*

(primeira parte)

*César Augusto Nicodemus de Souza***

Entendendo as razões da guerra

Antecedentes

Desde o início do século XVIII, os colonos do Cabo vinham expandindo seu território em direção ao norte e ao leste. Esses movimentos eram liderados por descendentes dos primeiros colonos batavos que haviam chegado à região, a partir de 6 de abril de 1652. Aqueles fazendeiros brancos e suas famílias, gente extremamente religiosa, ativa e de espírito independente, fugindo da opressão dos britânicos, que, naquela época, dominavam a área, buscavam novas terras, para prover o seu sustento, e pastagens para criar seus rebanhos. Ficaram conhecidos por sua saga, criando as primeiras trilhas da penetração européia, como os *voortrekkers* ou *trek bôeres* – abreviadamente bôeres.

Para eles, todos os sacrifícios da vida em barracas ou em carroções tracionados por bois, enfrentando constantes combates com os nativos que habitavam aquelas paragens, compensavam a falta de liberdade e perseguições que vivenciavam nas cidades, sujeitos aos burocratas

e aos privilegiados cidadãos britânicos – por mais insignificantes que tivessem sido seus papéis na sede do Império. Começaram por enfrentar os *khoikhoi*, que lhes negavam bravamente a posse de uma nova terra para se estabelecerem. Próximo à virada do século, a grande oposição veio dos *khosa*, mais a leste, que lhes opuseram grande resistência. Frequentes escaramuças ocorriam, particularmente em Zuurveld, na fronteira delineada pelo *Great Fish River* – Rio do Peixe Grande ou, mais simplesmente, Rio do Peixe. Em 1779, ocorreria o primeiro dos inúmeros e ferozes combates da guerra aberta contra os *khosa*.

A conquista paulatina dos espaços na África austral, basicamente na direção leste-oeste, é uma epopéia de sacrifícios, bravura e perdas. Por vezes, tiveram de transpor cadeias de montanhas das mais íngremes e perigosas, onde um pequeno descuido, quase sempre, representava a perda de cabeças de gado e de todos os bens que uma família havia amealhado uma vida inteira. Pior; muitas vezes, com o carroção rolando morro abaixo, e desintegrando-se, iam, também, preciosas vidas – do chefe da família aos amados filhos.

* Colaboração do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

** O autor é General-de-Brigada, historiador e docente do Curso e História Militar, coordenado pelo IGHMB.

Voltaremos a essa aventura desbravadora e de lutas, contra várias tribos da região, na oportunidade de realização de nossa exposição sobre a África do Sul, como um todo. Uma coisa é certa: essa forma de conquista forjou um povo extremamente forte, indômito, aventureiro, inventivo e operoso. Tudo tinha de ser resolvido, improvisado e construído por eles, apesar dos opositores locais ou britânicos; com ou sem ferramentas, dispondo ou não de recursos específicos. Veremos que a inventividade era quase um dom inato entre aquela gente.

Os primeiros combates anglo-bôeres

Pródromos

Não deixa de ser curioso que, nos primeiros esforços para a conquista da supremacia dos mares, a Inglaterra jamais tenha-se interessado pelo ponto de apoio do Cabo, no encontro entre o Atlântico e o Índico. Nunca o disputou com os holandeses – que ali haviam-se fixado desde 1652 –, senão no curto período da Guerra Anglo-Holandesa, em 1795. Terminado o conflito, findou o interesse e os batavos voltaram a controlar a região, entre 1803 e 1806. A rigor, a Inglaterra só manifestou empenho na posse quando pretendeu negá-lo à França napoleônica. Essas foram as razões das primeiras ocupações da futura Colônia do Cabo da Boa Esperança.

Mas, as coroas européias, vitoriosas contra as ondas revolucionárias do populacho francês e aquela movida pelo Corso, não podiam mais se omitirem e reuniram seus representantes na Áustria, para a partilha do Mundo entre aqueles “escolhidos por Deus” para dirigi-lo.

Pelo Tratado de Viena, em 1815, a Grã-Bretanha obteve o beneplácito das demais potências, a fim de estabelecer-se definitivamente

no que passou a ser a sua Província do Cabo da Boa Esperança, para expandir-se a partir dali quase sem limitações maiores. Ao final do século XIX, suas possessões incluíam Natal, Basutolândia, Suazilândia, Rodésia, Bechuanalândia e outras regiões conquistadas aos nativos, genericamente englobados por eles na tribo dos bantus.

Mas os bôeres, estabelecidos naquelas áreas, repeliam as expedições ou incursões britânicas. Inclusive, já haviam combatido e acertado a paz com as mais expressivas tribos guerreiras do vasto território e não aceitavam que os britânicos lhes complicassem a vida novamente, acirrando problemas entre os nativos e os brancos europeus. Os bôeres queriam paz – “viver e deixar viver” –, enquanto os britânicos traziam para a região seus já consagrados métodos de senhores colonizadores.

A figura de Andries Pretorius

Em decorrência dessa rivalidade irreconciliável, três campanhas militares ocorreram entre essas partes, não computadas na numeração das guerras Anglo-Bôeres, as quais, de maior expressão, viriam a ser conhecidas como 1ª (a de 1880-81) e 2ª (1899-1902) guerras.

Em 1837, uma parte dos *voortrekkers*, a coluna liderada por Piet Retief, ultrapassara os *drakensberg* e se estabelecera a 80km de Durban – antiga Natal –, ocupada pelos britânicos, que conviviam bem com Shaka, rei dos *zulus*. Em fevereiro de 1838, um dos chefes *zulus*, Dingane, meio-irmão de Shaka, assassinou friamente todos os homens bôeres, inclusive Retief, que com ele comemoravam um acordo de utilização de terras, acertado entre as partes.

Em novembro, chegou à região Andries Pretorius, logo escolhido para chefiar a comunidade acéfala, que passou a chamar-se Pietermaritzburg. As relações com os britânicos, então, eram cordiais, mas era objetivo de Dingane “varrer todos os brancos” daquelas terras. A feroz luta que se seguiu só terminou, em 16 de dezembro, com o combate que ficou conhecido como de *Blood River* – no qual cerca de 400 bôeres, atirando com precisão, inclusive com dois pequenos canhões, e carregando a cavalo fora do perímetro das carroças, fracionaram e derrotaram uma força de cerca de 10 mil guerreiros *zulus*, matando cerca de 3.500 deles.

Os *zulus* estabeleceram uma paz com os bôeres – 400 dos quais, sob a liderança de Pretorius, em janeiro de 1840, auxiliaram Mpande em sua revolta contra o meio-irmão Dingane. Contudo, os nativos passaram a incursionar sobre a britânica Durban, obrigando os ingleses a evacuá-la. É lá que os bôeres, rebatizando-a Natal, irão sediar sua nova República de Natália.

Dessarte, mesmo amparados por acordo acertado com os nativos, com o silencioso beneplácito dos britânicos, estes levaram a guerra aos bôeres, no mesmo território, para evitar a formação de um Estado que tenderia a lhes ser rival, certamente atraídos pela importância da conquista e manutenção do porto estratégico de Natal, hoje Durban.

Os bôeres expandiam o território, derrotavam os nativos; e os britânicos, mais uma vez, iam ao enalço deles para recolher os frutos. Começou o derramamento de sangue.

Em março de 1842, o Governador do Cabo, Sir George Napier, enviou uma pequena força de 323 combatentes, sob o comando do Capitão Thomas Charlton Smith, do 27º Regimento de

Fuzileiros, para ocupar Port Natal, de maioria inglesa. Smith era um militar experiente, tendo, inclusive, combatido em Waterloo. Da expedição faziam parte, além das duas companhias de britânicos regulares, um destacamento de Atiradores Montados do Cabo – tropa miscigenada, destacada em várias ações no sul da África, que serviria, então, de guarda pessoal do comandante –, sapadores e mineiros e as guarnições para as duas peças de Artilharia: um canhão de 6lb e um obuseiro de 24lb, bem como era comum à época, mulheres “de acompanhamento”, guias e condutores de mulas e carroças.

Smith decidiu surpreender os bôeres e combater-lhes decisivamente em Congella, valendo-se da baixa-mar para envolvê-los. No entanto, não pôde contar com o apoio de fogo, que contava ser prestado, a partir do lado oposto de Congella, pelo obuseiro de 24lb, instalado sobre um batelão. Exatamente, se a baixa-mar favorecera o seu deslocamento, impedira o batelão de navegar, e este acabara encalhado. Surpresa não houve nenhuma, pois Pretorius previra uma posição defensiva em sua retaguarda, alertando o conjunto. A reação, sim, foi inesperada para os atacantes, causando-lhes muitas baixas e perdas materiais.

As desastradas ações iniciais foram fruto de arrogância do profissional europeu e redundaram em um retraimento para dentro do *Old Fort*, onde Pretorius infligiu-lhe cerco e bombardeio – mais de 600 tiros – com as próprias peças apreendidas, inclusive aquelas do Forte Victoria, que fora tomado em curso da ação.

A desprendida ação de um morador, que cavalgou 10 dias até o Cabo para dar conta da situação, fez vir reforços de Port Elisabeth, pelo bergantim *Conch*, e do Cabo – 800 homens transportados pelo *Southampton*, sob o coman-

do do Coronel Josias Cloete. Depois de manobra de desembarque e fogo naval, conjugada por ação por terra, o forte foi liberado, após mais de quatro semanas de cerco, e os bôeres foram forçados a se retirarem em direção a Pietermaritzburg. Ali, Andries Pretorius convenceu seus seguidores a tentar obter uma solução pacífica com a Coroa. Três semanas após o cessar-fogo, representantes da *Volksraad*, Assembléia do Povo, assinaram a paz e o fim da República Natália.

Muitos *voortrekkers*, novamente sobre carroções, rolaram para o Norte, vindo a se estabelecer nas margens sul e norte do Rio Vaal.

Na região do Rio Orange, os britânicos tentaram impedir o estabelecimento dos bôeres, apoiando abertamente Adam Kok, o chefe dos *griqua*, um grupo mestiço nativo, de idioma basicamente batavo, que precedera os bôeres na dominação do sudoeste da região. Os bôeres, além de inferiorizados numericamente, ainda estavam dispersos, em função da necessidade de fazer funcionar suas fazendas, sem as quais seu povo sucumbiria. Por outro lado, com rica cultura própria, não admitiam serem controlados por mestiços.

Em 1845, estouraram os conflitos na região de Transorange. Os *griqua* – que eram dotados de cavaleiros e armas de fogo – não conseguiam submeter os *trekkers*. Destacou-se, nessa época, a argúcia e a bravura de Pretorius, que, com pequenas frações de comandos, levava à dispersão e à intranquilidade a tropa britânica estabelecida em Bloemfontein.

Os britânicos decidiram intervir para garantir a dominação sobre os bôeres. Em 1848, o novo governador do Cabo, o mercurial *Sir* Harry Smith, decidiu decretar a Constituição da *Orange River Sovereignty*, como território da Coroa,

composto pela Transorange e a faixa ao sul do Rio Transvaal. Quando a tensão aumentou, deslocou-se pessoalmente para a área, com efetivos variados, onde sobressaíram três esquadrões do 7º *Dragon Guards* e três peças de artilharia. Harry Smith, a rigor, não queria que houvesse combates, pois informara à Coroa que os habitantes estavam satisfeitos com o novo *status* que ele lhes outorgara.

Mas ele estava, efetivamente, ou mal informado ou profundamente equivocado sobre o grau de determinação e de resistência dos bôeres; ele levava longe demais suas exigências e a guerra aberta foi inevitável. Embora ao final, vitorioso, a soberania da área nunca seria tranqüila. Por outro lado, os atrativos econômicos não eram tão expressivos para os britânicos, que logo acabaram assinando uma paz em Bloemfontein, em 23 de fevereiro de 1854, que garantiu a implantação de um outro país no sul da África: o *Orange Vrystaat* (Estado Livre de Orange).

A faixa norte do Rio Vaal declarou-se independente em 1857, unindo as terras da margem esquerda, sob o nome de República do Transvaal, que seria mudada, mais tarde, para República Sul-Africana (*Zuid-Afrikaaniche Republick* – ZAR).

As guerras anglo-bôeres

A chamada “primeira guerra anglo-bôer”

Para complicar a sobrevida daquelas duas repúblicas, dois destacados britânicos viriam endurecer substancialmente a atuação colonial britânica: Benjamin Disraeli, que assumiu o cargo de Primeiro-Ministro britânico, em 1868, ali permanecendo até 1880, passando a desenvolver o mais completo planejamento e

execução de expansão do Império britânico em todos os tempos; *Lord Carnarvon*, seu secretário de Estado, arquitetou formar uma confederação com todas as colônias, as repúblicas bôeres e os grupos nativos sul-africanos, sob influência britânica. Ao perceber que não conseguiria sob forma pacífica, recomendou a Disraeli, em 1876, que os britânicos deveriam derrotar o Transvaal em uma guerra, após a qual o Estado Livre de Orange cairia por si só. É fácil entender que o caminho para o confronto estava aberto; de um lado havia expressa vontade de fazer a guerra; do outro só restava resistir com máximo empenho, ou não sobreviveria.

Para reforçar as ações britânicas, o Transvaal “quebrou” financeiramente em 1877, não só por causa dos gastos com a luta contra os nativos *pedis*, no nordeste do país, mas, sobretudo, porque a população vinha-se recusando a pagar os impostos. A Grã-Bretanha aproveitou-se disso para assumir a direção daquele Estado, cujo presidente, desde 1872, T. F. Burgers. Carnarvon, tomou a iniciativa de mandar *Sir Theophilus Shepstone*, antigo secretário de Assuntos Nativos em Natal, com uma comissão de 25 burocratas, a fim de levantar os problemas administrativos, visando propor soluções e, na prática, para instalar-se como “Comissário Especial” e administrar o Transvaal. A população demonstrou, de imediato, não concordar com esse controle externo de suas vidas; mas não parecia haver alternativas.

Agindo de forma um tanto vaga quanto aos objetivos da Coroa, Shepstone amedrontou a administração bôer com uma iminente bancarrota e a total falta de controle sobre as tribos nativas que habitavam o território – em especial os *zulus* e os *pedis*. O governo dos bôeres estava desmoralizado e tentou conven-

cer sua gente de que uma administração britânica seria benéfica a todos. A população ficou dividida, embora os opositores, inicialmente, tivessem adotado uma linha que identificaram como de “resistência pacífica”.

Shepstone valeu-se de um documento, que ele dizia ter sido assinado por mais de 3 mil pessoas gradas da República, aceitando como solução a transformação do país em “Colônia Britânica do Transvaal”. Ainda anestesiados pelo pacifismo, os cidadãos assistiram apáticos, em 12 de abril de 1877, à Proclamação de Anexação, em plena Praça da Catedral, no centro da capital, Pretoria.

Contudo, em maio seguinte, a Assembléia do Povo enviou delegação a Carnarvon, com abaixo-assinado de mais de 6.500 cidadãos, demonstrando que a população não havia aprovado tal anexação. Considerada extemporânea pelo Governo britânico, dela nada resultou.

Enquanto isso, a Metrópole fracassava, justamente onde alardeava seus predicados: desenvolver economicamente em infra-estrutura e dar segurança aos fazendeiros da nova Colônia. Os *pedis* jamais pagaram a multa devida pelo acordo de paz com o extinto Transvaal e os *zulus* invadiram as terras produtivas do sudeste, simplesmente porque faltavam soldados para manter a lei e a ordem na colônia. Nem a ferrovia prometida para *Delagoa Bay* – a Lourenço Marques dos portugueses (hoje Maputo) – tomou forma. A *Eastern Line* só seria concluída em 8 de julho de 1895, pelo Governo da República do Transvaal restabelecida – ZAR. O seu controle viria a ser um dos primordiais objetivos britânicos na segunda guerra bôer, para isolar os bôeres e impedir seu acesso ao mar.

Em janeiro de 1878, a situação começou a se deteriorar em Pretoria, com manifestações hostis à presença britânica. A segunda comissão que tinha sido enviada a Londres, para que fosse cedida nova independência à ZAR, retornara sem resposta positiva, apesar de ter sido ouvida pelo novo Secretário de Estado, *Sir Michael H. Beach*. É que este também era adepto da “*confederação*”. *Sir Owen Lanyon* foi nomeado para substituir o desgastado *Shepstone*, em 1879.

Mesmo a mudança de governo na Metrópole, com a ascensão dos liberais, em abril de 1880, tão esperada pelos bôeres, não melhoraria as condições da ZAR, uma vez que era também pensamento de Gladstone manter o domínio sobre Pretoria.

O parlamento de Orange, ao sul do Rio Vaal, sustentou as aspirações de independência do Transvaal, em maio de 1879. Até os bôeres que viviam na Colônia do Cabo externaram seu apoio moral aos irmãos do norte. Aliás, eles e seus descendentes serão muito importantes em 1900, no movimento subterrâneo que ali apoiará, nova e concretamente, os combatentes bôeres.

É preciso considerar que, em virtude das incursões *zulus* às fazendas dos bôeres, no sul do Transvaal, um destacamento destes lutou junto aos britânicos, bloqueando qualquer fuga dos nativos para o norte, sendo decisivos na derrota dos *zulus*, em julho de 1879. Os negros nativos deixaram de ser ameaça; a economia, a segurança e a liberdade dos bôeres, agora, só eram intimidados pelos britânicos.

Em setembro do mesmo ano, *Sir Garnet Wolseley* foi nomeado Alto Comissário para a África de Sudoeste, Governador de Natal e Transvaal.

Em outubro de 1880, o jornal de PAARL, na região do Cabo, escreveu em sua página principal: “*A resistência pacífica perdeu a razão de ser.*”

Paul Krüger, um dos mais proeminentes líderes dos bôeres, fizera duas viagens à Grã-Bretanha, procurando provar junto àquela Metrópole que seu povo não admitia mais a falta de independência.

Finalmente, na data nacional de 16 de dezembro, daquele 1880, os habitantes do Transvaal, sob a liderança de Paul Krüger, *Marthinus W. Pretorius*, filho de *Andries*, e de *Piet Joubert* rebelaram-se contra as autoridades britânicas e declararam sua independência. Nesta mesma data, a tropa britânica em *Potchefstroom* foi atacada e dispersada.

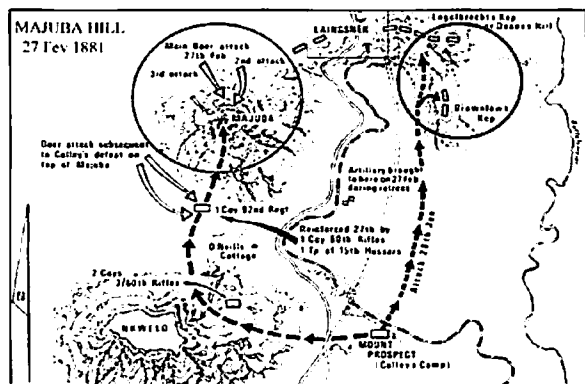
Em 20 de dezembro, um comboio do Exército britânico foi emboscado e destruído em *Bronkhorstspuit*; de 22 desse mês até 6 de janeiro de 1881 todas as guarnições militares britânicas foram cercadas.

Os bôeres vestiam-se com roupas cáqui ou próximas da cor do terreno; os europeus, nos seus uniformes vermelhos e cheios de brilho, eram alvos fáceis para atiradores experientes. Essa é a última campanha colonial britânica envergando tais uniformes.

Na tentativa de levantar os cercos a que eram submetidos seus militares, o comando britânico constituiu uma expedição com a *Natal Field Force*, sob o comando do experiente *Major-General Sir George Pomeroy Colley*. Este, ao tentar forçar a transposição das *Drakensberg*, no Passo de *Laing*, foi totalmente derrotado pelos *Comandos* de *Joubert*, perdendo substancial parcela de sua infantaria e cavalaria, em 28 de janeiro de 1881. Até hoje aquele combate é considerado pelos militares ingleses um “fiasco”. Este acabaria por determinar o fim do emprego

aberto dos estandartes das Unidades no cenário dos combates. Ali, sucessivamente, quatro delas tiveram seus portadores abatidos.

Os insucessos nas batalhas de Schuinshoogte, também conhecida como Ingogo, em 8 de fevereiro, e de Majuba Hill, em que o próprio General Colley foi morto, em 27 do mesmo mês, foram decisivos para o governo de Gladstone se convencer de que estava perdendo muito mais com aquela guerra “no fim do mundo” do que poderia ganhar. Optou, então, por autorizar um armistício com os revoltosos, em 6 de março.



Seguiu-se a assinatura do tratado de paz, em 23 do mesmo mês, pelo qual o Transvaal conquistou sua independência, teoricamente supervisionada pela Grã-Bretanha.

Em decorrência de suas atitudes desassombradas, e de sua popularidade, que vinha desde a infância, nos tempos da *Great Trek*, Paul Krüger virá a assumir a presidência do Transvaal, novamente livre, em 1881.

A chamada “segunda guerra anglo-bôer”

A descoberta de ouro em terras bôeres, em 1886, cujo maior veio do Mundo, com 96km de extensão, encontra-se na Cordilhei-

ra de Witwatersrand, levou ao Transvaal um fluxo crescente de prospectores, a maioria deles britânicos.

Profeticamente, Paul Krüger teria dito: “Em lugar de nos regozijarmos, melhor faríamos em chorar, pois este ouro será a causa de um banho de sangue em nosso país.”

Rapidamente, as minas e a maioria do comércio passaram às mãos de ingleses. O governo bôer, na tentativa de preservar os interesses de sua população, começou a negar cidadania aos *uitlanders* – estrangeiros – que não estivessem permanentemente no território durante os últimos 14 anos e a taxá-los substancialmente, apesar de todos os protestos britânicos. Não esqueçamos de que, além de tudo mais, estes vinham tomando as primeiras medidas para o preconizado plano de amalgamar todas as administrações sul-africanas, sob sua influência, em uma Confederação.

O grande provocador do conflito foi o político e financista britânico Cecil Rhodes, que enriquecera com a mineração de diamantes naquela área, e à época governava a Colônia do Cabo. Foi dele a concepção da montagem de um golpe de Estado no Transvaal, executado, em 29 de dezembro de 1895, por seu amigo pessoal, o Doutor *Sir* Leander Starr Jameson, a partir do território vizinho da Bechuanalândia, hoje Botsuana. Um grupo de 600 britânicos infiltrados foi levado a apoiar pelas armas uma rebelião de *uitlanders* que haviam sido instigados contra o Governo do Transvaal.

O fracasso da invasão deveu-se basicamente a um erro no corte dos fios telegráficos que ligavam o posto de fronteira à capital. A verdadeira ligação permaneceu ativada, e os golpistas viram-se logo presos, sem que houvesse a combinada adesão dos estrangeiros de

Pretoria. Dominada a incursão de Jameson, a aventura redundou em sua captura e encarceramento e na demissão de Rhodes; mas o mal já estava feito. As relações anglo-bôeres estavam definitivamente deterioradas. Aliás, os britânicos, pouco depois, compensariam os seus vilões: Jameson seria elevado a primeiro-ministro da Colônia do Cabo, de 1904 a 1908, e Rhodes homenageado por seus patrícios no topônimo dado à “Bechualândia”... Rodésia.

O ano de 1899 estava-se anunciando como decisivo. O Governo do Transvaal decidira interromper a passagem de trens, provenientes do Cabo, sobre o Rio Vaal, e a situação dos cidadãos britânicos naquele país tornava-se cada vez mais controlada. Prevendo o rompimento iminente de hostilidades, o Comandante-em-Chefe do Exército britânico, *Lord Wolseley*, não tendo conseguido convencer o seu Governo a mandar tropas para a região, enviou o bravo e eficiente Coronel Robert S. S. Baden Powell, acompanhado de um punhado de oficiais, para a Colônia do Cabo, a fim de estruturar dois Regimentos de Atiradores Montados, com pessoal da Bechualândia. O objetivo era resistir à esperada invasão da colônia de Natal, impedir a chegada dos bôeres ao litoral e facilitar o eventual desembarque de tropas britânicas, além de servir, pela presença, de uma demonstração de força para as tribos locais que pudessem pretender pender para um apoio aos bôeres.

Igualmente ao governo de Sua Majestade, os políticos locais temiam que um aumento da presença militar britânica pudesse provocar um ataque bôer. Dessarte, Baden Powell teve de organizar tudo em sigilo – do recrutamento aos depósitos e meios de transporte. Com tropas mal treinadas, e diante, ainda, das repercussões pelo fracassado *raid* do Dr Jameson, uma

enorme superioridade numérica dos bôeres e a reconhecida preponderância de sua tática de *comandos*, não restava a Baden senão adotar uma postura defensiva. Conseqüentemente, optou por manter o controle da localidade de Mafeking, não só por localizar-se na fronteira, controlando a passagem da ferrovia entre Bulawavo e Kimberley, como também por se tratar de importante centro administrativo e de abastecimento. É sempre bom recordar que Ladysmith, na descida para Durban, já era a guarnição militar britânica mais importante a circundar as terras bôeres.

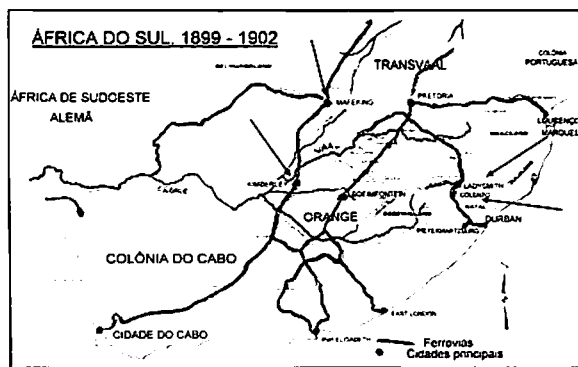
A situação logo precipitar-se-ia com a nomeação do novo Governador do Cabo, *Sir Alfred Milner*. Dizendo-se muito ressentido com o tratamento dado aos britânicos, promulgou decretos elevando o efetivo das tropas britânicas no sul da África de 12 mil homens para um exército de 50 mil. Tomado como uma provocação, em 9 de outubro de 1899, Krüger exigiu a retirada, em 48 horas, de todas as tropas britânicas das fronteiras do Transvaal, sob pena de estabelecer-se o estado de guerra aberta.

Aos que se espantam com prazo tão curto, exigindo, é claro, uma crucial e intransferível decisão do Governo central em Londres, para um conflito tão distante, no interior da África, lembremos que qualquer guarnição inglesa, ali situada, estava ligada por telégrafo à capital do Império. A Grã-Bretanha lançava por todos os mares seus cabos, que se ligavam às linhas terrestres.

O Transvaal, por seu lado, vinha recebendo pelo Porto de Lourenço Marques, através da ferrovia finalmente concluída pelo governo de Krüger, armamentos, munições e equipamentos militares – especialmente provenientes da Alemanha. Mas não faltaram excelentes canhões *Schneider-Creusot* de 155mm, franceses.

Embora seus efetivos totais não ultrapassassem 88 mil soldados, com baixo padrão de instrução militar, mas altamente aguerridos e bons atiradores, eles eram brilhantemente dirigidos por chefes destacados, como Louis Botha e Jan Smuts.

A guerra realmente irromperia em 11 de outubro, e Paul Krüger, agora com 74 anos, permaneceria em Pretoria, em decorrência de sua saúde abalada. Isso não impediu a seqüência de



vitórias na fronteira da Colônia do Cabo e na província de Natal, esta invadida por cerca de 20 mil homens, onde obtiveram sucesso nos cercos às guarnições britânicas de Mafeking e Kimberley – iniciados em 14 de outubro – e de Ladysmith – em 2 de novembro de 1888 –, localidades que bloqueavam os acessos ferroviários às suas terras e, por isso mesmo, serviam de sede às mais importantes guarnições militares britânicas no Teatro de Operações (TO).

Veremos que tais cercos acabaram por se mostrarem contraproducentes, pois imobilizaram importantes efetivos e equipamentos que poderiam ter sido decisivos em outros pontos, além de proporcionar o tempo necessário para que a Grã-Bretanha trouxesse mais meios materiais e humanos para decidir a seu favor. Pior, eles deixavam de empregar a sua prática mais destrutiva e temida pelos britâni-

cos: o combate altamente móvel e eficaz de seus *Kommandos*. E não esqueçamos: a *Velha Albion* era extremamente rica e determinada, e seus braços eram longos suficientemente para alcançar qualquer parte do Globo. No momento mesmo em que as operações começavam, sob o comando do General *Sir Redvers Buller*, 47 mil britânicos já estavam a caminho da África do Sul.

À proporção que a divulgação dos combates, em paragens tão distantes e, para alguns, tão exóticas, foi sendo ampliada, o interesse pelo conflito tornou-se mundial. Havia, até, uma torcida pelo “David” diante do “Golias”. A flexibilidade do *Commonwealth* fez-se presente pela participação de australianos, neozelandeses, ceiloneses, indianos e, pela primeira vez, uma força expedicionária canadense. Também, norte-americanos e irlandeses lutariam com os britânicos, mas haveria representantes dessas duas nações em ambos os lados.

Pelo lado bôer, combateriam alemães, franceses e russos, além da participação de uma equipe de saúde completa holandesa.

Outro aspecto interessante a destacar foi o largo emprego das ferrovias por ambos os contendores, seja para carrear meios, seja para orientar as direções estratégicas a seguir. Os britânicos, quando transitavam por regiões sujeitas a emboscadas bôeres, ou quando encetavam uma progressão em direção ao inimigo, valiam-se de vagões e, mesmo, de locomotivas blindadas.

Voltemos às operações. Ao desembarcar, o General Buller foi levado a abandonar os planos iniciais e, com somente 19.400 homens, ainda não adaptados às condições locais, deslocou-se imediatamente de Durban para libertar a tro-

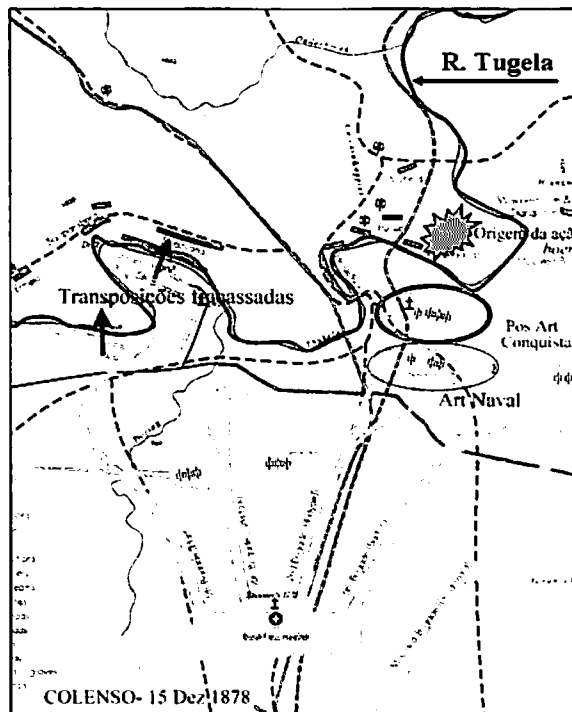
pa cercada em Ladysmith, que abriria o caminho para o Transvaal. Seria necessário antes, contudo, desalojar o inimigo em Colenso, apoiado no corte do Rio Tugela.

Colenso

No corte do Rio Tugela, em Colenso, 15 de dezembro de 1899, os britânicos foram barrados e desbaratados por 4.500 bôeres, sob o comando do General Botha, que lhes causou mais de mil baixas e ainda lhes tomou praticamente todos os canhões da 14ª Bateria de Artilharia de Campanha. Aliás, esse combate será uma referência na mudança da doutrina britânica para o emprego da Artilharia de Campanha, até então lançada à frente do dispositivo, para causar o máximo de baixas ao inimigo antes do combate das armas-base. É que as peças, até então, tinham trajetórias excessivamente tensas, que não lhes permitiam atirar por sobre a própria tropa ou uma elevação à frente. Os artilheiros, dessa forma, ficavam muito expostos a bons atiradores e às cargas de cavalaria.

Naquele combate, os bôeres perceberam que a artilharia estava sendo posicionada contra eles à frente do dispositivo, como era tradicional entre os ingleses, mas carecia de uma infantaria, que se atrasava. Era da doutrina britânica que, inicialmente, os infantes protegiam a ação das baterias e, após isso, lançavam-se ao ataque, aproveitando-se dos efeitos dos fogos, que teriam “amaciado” o inimigo. Aquela exposição – ainda mais desprotegida – foi fatal para a artilharia.

Os bôeres concluíram que poderiam se apoderar do material, antes mesmo de o combate começar. Os artilheiros iniciaram seus trabalhos no serviço das peças de Artilharia de Campanha, sem mesmo saberem por onde andavam os canhões navais, que, tracionados por bois, eram



sempre mais lentos e ainda não tinham sido colocados em posição.

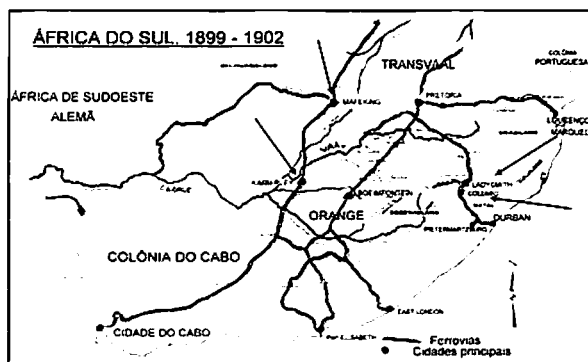
Portanto, não havia infantaria, nem qualquer artilharia em condições de prestar apoio de fogo. Disso se valeram os bôeres, que desencadearam pesada fuzilaria e concentrações de sua artilharia contra a posição da 14ª Real Bateria, a qual foi momentaneamente abandonada pelo pessoal.

Um comando bôer transpôs o rio e começou a remover os canhões para a outra margem. Apesar da bravura de um pugilo de artilheiros, que retornaram para evitar aquela ação, só duas peças não foram capturadas. Ficou patente que um meio importante e caro como o material de artilharia não poderia mais ficar sem, pelo menos, uma massa cobridora a protegê-lo passivamente da ação inimiga.

Os bôeres, de sua parte, procuravam alturas que dominassem, a distância, as posições

Embora seus efetivos totais não ultrapassassem 88 mil soldados, com baixo padrão de instrução militar, mas altamente aguerridos e bons atiradores, eles eram brilhantemente dirigidos por chefes destacados, como Louis Botha e Jan Smuts.

A guerra realmente irromperia em 11 de outubro, e Paul Krüger, agora com 74 anos, permaneceria em Pretoria, em decorrência de sua saúde abalada. Isso não impediu a seqüência de



vitórias na fronteira da Colônia do Cabo e na província de Natal, esta invadida por cerca de 20 mil homens, onde obtiveram sucesso nos cercos às guarnições britânicas de Mafeking e Kimberley – iniciados em 14 de outubro – e de Ladysmith – em 2 de novembro de 1888 –, localidades que bloqueavam os acessos ferroviários às suas terras e, por isso mesmo, serviam de sede às mais importantes guarnições militares britânicas no Teatro de Operações (TO).

Veremos que tais cercos acabaram por se mostrarem contraproducentes, pois imobilizaram importantes efetivos e equipamentos que poderiam ter sido decisivos em outros pontos, além de proporcionar o tempo necessário para que a Grã-Bretanha trouxesse mais meios materiais e humanos para decidir a seu favor. Pior, eles deixavam de empregar a sua prática mais destrutiva e temida pelos britânicos:

o combate altamente móvel e eficaz de seus *Kommandos*. E não esqueçamos: a *Velha Albion* era extremamente rica e determinada, e seus braços eram longos suficientemente para alcançar qualquer parte do Globo. No momento mesmo em que as operações começavam, sob o comando do General Sir Redvers Buller, 47 mil britânicos já estavam a caminho da África do Sul.

À proporção que a divulgação dos combates, em paragens tão distantes e, para alguns, tão exóticas, foi sendo ampliada, o interesse pelo conflito tornou-se mundial. Havia, até, uma torcida pelo “David” diante do “Goliath”. A flexibilidade do *Commonwealth* fez-se presente pela participação de australianos, neozelandeses, ceiloneses, indianos e, pela primeira vez, uma força expedicionária canadense. Também, norte-americanos e irlandeses lutariam com os britânicos, mas haveria representantes dessas duas nações em ambos os lados.

Pelo lado bôer, combateriam alemães, franceses e russos, além da participação de uma equipe de saúde completa holandesa.

Outro aspecto interessante a destacar foi o largo emprego das ferrovias por ambos os contendores, seja para carrear meios, seja para orientar as direções estratégicas a seguir. Os britânicos, quando transitavam por regiões sujeitas a emboscadas bôeres, ou quando encetavam uma progressão em direção ao inimigo, valiam-se de vagões e, mesmo, de locomotivas blindadas.

Voltemos às operações. Ao desembarcar, o General Buller foi levado a abandonar os planos iniciais e, com somente 19.400 homens, ainda não adaptados às condições locais, deslocou-se imediatamente de Durban para libertar a tro-

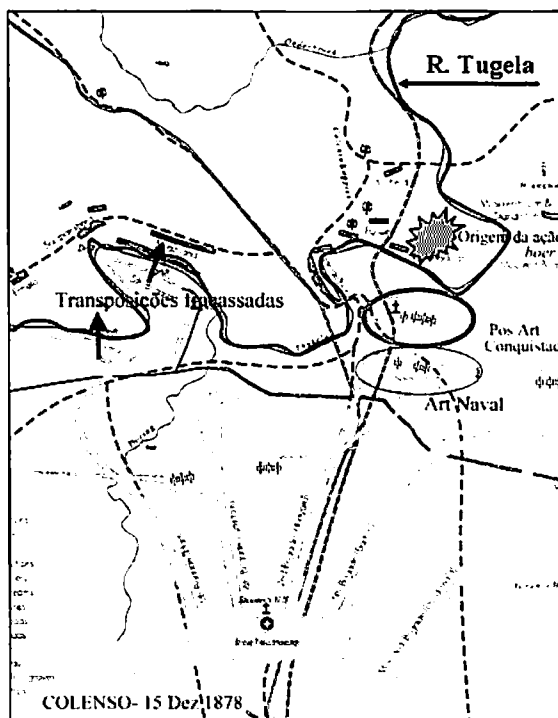
pa cercada em Ladysmith, que abriria o caminho para o Transvaal. Seria necessário antes, contudo, desalojar o inimigo em Colenso, apoiado no corte do Rio Tugela.

Colenso

No corte do Rio Tugela, em Colenso, 15 de dezembro de 1899, os britânicos foram barrados e desbaratados por 4.500 bôeres, sob o comando do General Botha, que lhes causou mais de mil baixas e ainda lhes tomou praticamente todos os canhões da 14ª Bateria de Artilharia de Campanha. Aliás, esse combate será uma referência na mudança da doutrina britânica para o emprego da Artilharia de Campanha, até então lançada à frente do dispositivo, para causar o máximo de baixas ao inimigo antes do combate das armas-base. É que as peças, até então, tinham trajetórias excessivamente tensas, que não lhes permitiam atirar por sobre a própria tropa ou uma elevação à frente. Os artilheiros, dessa forma, ficavam muito expostos a bons atiradores e às cargas de cavalaria.

Naquele combate, os bôeres perceberam que a artilharia estava sendo posicionada contra eles à frente do dispositivo, como era tradicional entre os ingleses, mas carecia de uma infantaria, que se atrasava. Era da doutrina britânica que, inicialmente, os infantes protegiam a ação das baterias e, após isso, lançavam-se ao ataque, aproveitando-se dos efeitos dos fogos, que teriam “amaciado” o inimigo. Aquela exposição – ainda mais desprotegida – foi fatal para a artilharia.

Os bôeres concluíram que poderiam se apoiar do material, antes mesmo de o combate começar. Os artilheiros iniciaram seus trabalhos no serviço das peças de Artilharia de Campanha, sem mesmo saberem por onde andavam os canhões navais, que, tracionados por bois, eram



sempre mais lentos e ainda não tinham sido colocados em posição.

Portanto, não havia infantaria, nem qualquer artilharia em condições de prestar apoio de fogo. Disso se valeram os bôeres, que desencadearam pesada fuzilaria e concentrações de sua artilharia contra a posição da 14ª Real Bateria, a qual foi momentaneamente abandonada pelo seu pessoal.

Um comando bôer transpôs o rio e começou a remover os canhões para a outra margem. Apesar da bravura de um pugilo de artilheiros, que retornaram para evitar aquela ação, só duas peças não foram capturadas. Ficou patente que um meio importante e caro como o material de artilharia não poderia mais ficar sem, pelo menos, uma massa cobridora a protegê-lo passivamente da ação inimiga.

Os bôeres, de sua parte, procuravam alturas que dominassem, a distância, as posições

a bater. Aumentavam o alcance do material, facilitavam a direção de tiro e melhoravam as condições de proteção do material. Foi de posições como essas batendo o corte do Tugela que impediram o acesso dos britânicos às regiões de passagem. A Brigada irlandesa pagou sangrento preço pelas suas tentativas de transposição no, hoje famoso, *loop* – laço do rio.

A frustração do ataque britânico foi total, com pesadíssimas perdas para a 5ª Brigada irlandesa do General Fitzroy Hart.

Mas, sem dúvida, consolidou-se naquele dia a idéia de que deveria haver uma elevação que servisse de proteção entre as baterias e o inimigo. Conseqüentemente, dever-se-ia desenvolver um sistema de direção de tiro que permitisse a pontaria indireta das peças para bater os alvos, sem que o apontador os visse.

E assim ocorreu. Foi adaptada, sobre o tubo de cada canhão, uma régua graduada com pequenos furos, por cima, correspondentes a cada graduação, permitindo que neles se encaixasse uma estreita haste, tipo um palito. Com uma vi-

sada feita da culatra da peça, passando por essa haste, sobre um ponto afastado, faziam-se as necessárias correções em direção, transmitidas por um observador colocado sobre a elevação interposta entre o alvo e a peça.

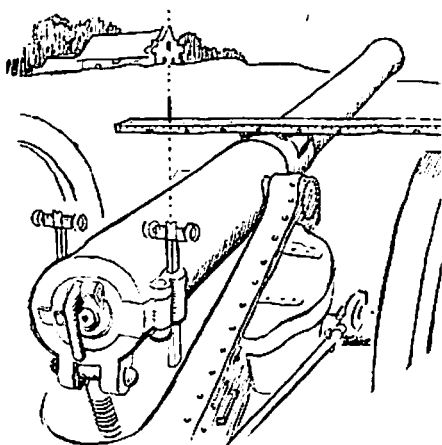
Curiosamente, esta *régua* ficou sendo chamada de “arco de pontaria.”¹ Um acessório simples, improvisado, sairia desta, a Guerra Anglo-Bôer, como uma das grandes contribuições à arte da guerra.

Spioenkop

Em 10 de janeiro, com seu efetivo aumentado para 24 mil homens, Buller decidiu transpor o Tugela, a montante, próximo a Spioenkop, de onde prosseguiria para Ladysmith. Seu subcomandante da coluna, Tenente-General *Sir* Charles Warren, comandou essa operação, mas, no entanto, somente em 17 de janeiro, à frente de 17 mil combatentes, acabou sendo rechaçado na outra margem, em Intabamnyama, por cerca de 2 mil aguerridos bôeres – no início de janeiro, eles eram ali só uns 450.

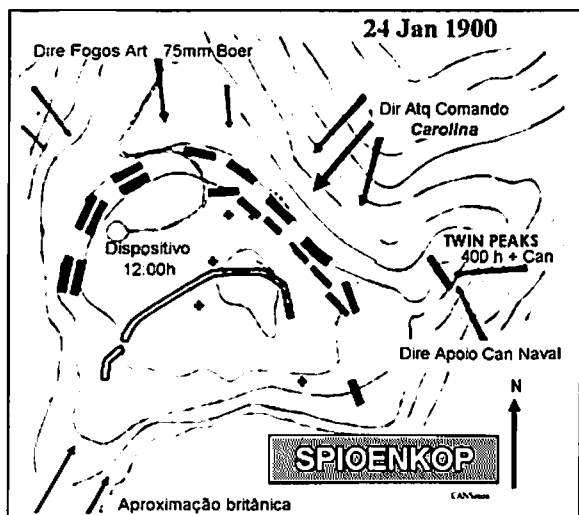
Buller, então, deu-lhe um ultimato: ou parta imediatamente para Ladysmith, ou retraia, transpondo de volta o Tugela. Warren decidiu, então, romper a linha de defesa bôer, em seu trecho mais alto, justamente sobre o alongado e difícil Monte Spioenkop, com um ataque noturno de surpresa.

Um destacamento de 1.700 soldados, sob o comando geral do General Woodgate, partiu tão logo se fez escuro, na noite de 23 de janeiro, e, por volta das 21h, já estava subindo pela encosta SW, a mais difícil. Às duas horas da manhã, atingiu silenciosamente o platô superior de onde foi dada a ordem de calar baionetas para prosseguir, em linhas sucessivas, sobre



ARCO DE PONTARIA (1900)

¹ Figura à p. 211 de *Seis séculos de artilharia*, J.V. Portela F. Alves, BIBLIEX, 1959.



a pequena guarnição bôer. O clicar da armação de baionetas denunciou a presença intrusa, e os bóeres reagiram com uma fuzilaria, desorientada pela escuridão. A superioridade britânica, contudo, empurrou o inimigo para fora do topo da montanha. Mas o matraquear dos fogos já dera o alerta geral.

Os britânicos, então, tentaram cavar uma trincheira defensiva, mas foram impedidos pela dureza do solo pedregoso. Passaram a empilhar pedras, formando muros no que pensaram ser a crista militar. A luz do dia mostrou que eles, erradamente, haviam-se posicionado na crista topográfica. Havia, agora, de descer um pouco mais em todas as direções, se quisessem observar qualquer movimento bôer ou obterem rasância para suas armas.

Assim que o General Botha passou a conhecer o sucesso britânico, deu ordens para a imediata ocupação e artilhamento das elevações que circundavam o Spioenkop com sete peças de 75mm. Mais ainda: destacou 400 homens para ocupar um duplo mamelão – Twin Peaks – que daquela elevação projetava-se na direção NE e constituía-se em uma via de acesso bastante interessante para a retomada da posição. Tudo isso ainda antes do amanhecer, valendo-se da iluminação ainda fraca e, sobretudo, do nevoeiro que ali imperava.

E é sob essa relativa cobertura nevoenta que a primeira vaga de bóeres tentou recuperar a posição, sendo repelida. Quando o nevoeiro se dissipou, pelas 8h30min, Warren vê-se sob violenta fuzilaria e inúmeras concentrações de artilharia. As cargas sucederam-se, até que, em torno do meio-dia, o *Kommando Carolina*, comandado pelo *Kommandant Prinsloo*, investiu e rompeu o dispositivo britânico, sendo Warren mortalmente ferido, pelas 13h. A confusão implantou-se na tropa britânica para a definição de quem ficava no comando. Pior, o comando geral ainda interferia, quase como tradição no Exército britânico, a partir de observações, com o emprego de uma luneta, de uma elevação situada a mais de 4km de Spioenkop. Quando determinadas ordens chegavam por mensageiros, que se infiltravam penosamente até o topo da elevação, a situação há muito havia mudado. Quase sempre tais ordens chocavam-se com a realidade e causavam graves transtornos, com suas marchas e contramarchas. Em torno das 13h, cerca de 200 fuzileiros de *Lancashire*, no flanco direito, leste, renderam-se por causa das pesadas baixas que vinham sofrendo e do calor que era insuportável para eles. O colapso foi evitado pela chegada de reforços do Regimento *Middlesex* e do *Imperial Light Infantry*, o qual, inclusive, com o seu movimento, acabou por impedir o flaqueamento das posições britânicas pela tropa bôer que arremetia pela encosta sul.

Ao final da tarde, mais reforços chegariam: o *Kings Royal Rifles*, sob o comando do General Burger.

A superioridade numérica começou a ponder para os britânicos, mas a cadeia de subordinação estava seriamente comprometida, e a eles só restou reajustar o dispositivo, sob um comando presente e efetivo. Sem qualquer explicação, até hoje, surgiu a decisão de abandonar a posição.

A artilharia bôer martelou incessantemente a posição. A dimensão da confusão reinante entre os britânicos só pôde ser bem avaliada quando o Tenente-Coronel Thomeycroft tomou para si a condução do retraimento, valendo-se da escuridão da noite, mas sem saber do sucesso que haviam colhido sobre Twin Peaks.

Os bôeres reocuparam a elevação logo no alvorecer e encontraram 322 mortos e muitos dos 563 feridos britânicos. Trezentos homens haviam sido feitos prisioneiros. No total daqueles combates, os bôeres tiveram 58 mortos e 140 feridos. Naquele dia, foi estabelecido um cessar-fogo para que os mortos pudessem ser enterrados, o que acabou sendo realizado em rasas valas comuns, cobertas de pedras, tal a dureza do solo.

Mais uma vez, o General Buller falhara em uma manobra para libertar Ladysmith. Os bôeres haviam rapidamente reconstituído sua linha de isolamento afastado. Esse último fracasso determinará, logo após a liberação de Ladysmith, a sua substituição no comando pelo General Lord Roberts, com o General Kitchner como seu chefe de Estado-Maior. Estes chegaram ao TO, em 14 de fevereiro, com mais reforços, os quais, aos poucos, ajudaram a reverter os fados.

Foram libertadas Kimberley e Ladysmith, esta ainda pelo General Buller, em 28 de fevereiro de 1900. A liberação do cerco de Ladysmith seria considerada o ponto de inflexão dessa última guerra entre britânicos e bôeres. Dali pra frente, a vitória final britânica seria só uma questão de tempo. ☉

No próximo número: segunda parte:
De cercados à vitória.

Fontes

Anotações de viagens do autor aos campos de batalha na África do Sul, acompanhado de guia habilitado em História Militar sul-africana, 2005.
Anotações feitas no Museu de Ladysmith, Kwazulu-Natal, RSA, 2005.
Anotações colhidas no Museu das Forças Armadas, Johannesburg, Gauteng, República da África do Sul, 2005.
<http://www.chirundu.com/history/images>
<http://www.anglo-boer.co.za/images/photos/britpeople>
<http://www.britishbattles.com/first-boer-war>
<http://www.militaryphotos.net/>
<http://samilitaryhistory.org/> (da Sociedade de História Militar da RSA)
http://en.wikipedia.org/wiki/Siege_of_Mafeking
<http://samilitaryhistory.org/> (da Sociedade de História Militar da RSA)

Referências

BELFIELD, Eversley M. *The Boer War*. Hamden: Archon Books, RSA, 1975.
BOURQUIN, S. B.; TORLAGE, Gilbert. *The battle of Colenso*. Randburg, RSA: Ravan Press, 1999.
CHURCHILL, Winston. *Sir. The Boer War: London to Ladysmith Via Pretoria New York: Ian Hamilton's March*, W. W. Norton, 1989.
CLODFELTER, Micheal. *Warfare and armed conflicts*. Jefferson, NC: McFarland, 1992. V. I – South African (Second Boer) War: 1899-1902, p 357-362.
DE WET, Christiaan Rudolf. *Three years' war*. New York: Scribner's Sons, 1902.
JOHNSON, R.W. *South Africa: the first man, the last nation*. London: Weidenfeld & Nicolson, 2004.
KAIGHIN, Brian. *A Diary of the siege of Ladysmith*. Pietermartizburg, RSA: Teeanem Printers, 1999.
FARWELL, Byron. *The Great Anglo-Boer War*. New York: Harper & Row, 1976.
LATIMER, Jon. *Talana Hill – opening shots of the Boer War*, in *Military Hill*, out. 1999, p. 54.
WATT, Steve. *The Siege of Ladysmith*. Randburg, RSA: Ravan Press, 1999.